
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar V.13. N. 27. Set./Dez./2019 p.784-805

ISSN: 2237-0315

A inserção da ginástica na educação física infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

The insertion of gymnastics in children's physical education: approaches to historical-cultural theory

Paola Soares Jeronimo

Anderson Simas Frutuoso

Viviane Preichardt Duek

Universidade do Estado de Santa Catarina –UDESC

Florianópolis-Santa Catarina-Brasil

Resumo

O relato descreve uma experiência de inserção da ginástica nas aulas de Educação Física Infantil, à luz dos pressupostos da teoria histórico-cultural. As intervenções foram realizadas com crianças entre quatro e cinco anos, em uma instituição de Educação Infantil da rede pública municipal de Florianópolis/SC. Os elementos da ginástica abordados foram: saltos, rolamentos, estrela, arco e fita, tendo a brincadeira como eixo central da ação pedagógica. Concluímos que a utilização da brincadeira no trabalho pedagógico com a ginástica possibilitou a aprendizagem e favoreceu o contato das crianças com os elementos gímnicos, por meio da vivência de diversas situações que estimularam a imaginação e a criatividade da criança, deixando-a livre para se expressar e atribuir novos significados a movimentos já conhecidos, recriando-os.

Palavras-chave: Educação Física Infantil. Atividades Gímnicas.

Abstract

This paper describes an experience of insertion of gymnastics in the classes of Physical Education for children, regarding historical-cultural theory principles. The interventions with a group of children between four and five years old took place in a public school of Florianópolis/SC. The elements of the gymnastics addressed in the classes were: jumps, rolling, cartwheel, bow and ribbon, taken as playful games. We conclude that the use of child's play in the pedagogical work with gymnastics enabled learning and favored the children's contact with gymnastic elements, through the experience of several situations that stimulated the child's imagination and creativity, giving freedom to self express and to assign new meanings to known movements, recreating them.

Key words: Physical Education for Children. GYM.

Introdução

O universo infantil caracteriza-se pela riqueza e diversidade de manifestações corporais. Na escola, assim como na Educação Infantil, é possível observar crianças envolvidas em práticas como correr, saltar, girar, rolar ou equilibrar-se, enquanto elementos das brincadeiras infantis, que são produzidos pela cultura e transmitidos nas relações sociais. Atividades como se balançar em uma árvore, pular corda, bambolear ou equilibrar-se sobre um caminho de pneus, fazem parte da história da brincadeira infantil, que contêm características gímnicas e estão presentes na ginástica sistematizada (PIZANI; BARBOSA-RINALDI, 2010; MARTINELLI; FUGI; MILESKI, 2009; SOARES et al, 1992).

A ginástica é uma manifestação da cultura corporalⁱ e conteúdo da Educação Física, representando uma forma particular de sistematização de movimentos corporais, que abre uma gama de valiosas experiências, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral. Sob essa ótica, ao vivenciar movimentos da ginástica no contexto escolar, o aluno se apropria desses elementos da cultura que exprimem significados de ações historicamente produzidos e culturalmente elaborados (SOARES et. al., 1992).

Neira (2014) afirma que a ginástica como tema de estudo, é passível de compreensão e produção pelas crianças, de modo que uma ação pedagógica envolvendo as atividades gímnicas deve considerar a sua circunstância social, conhecimentos que as caracterizam e as representações acerca dessa prática corporal. Sob essa ótica, o autor destaca que a função pedagógica de qualquer modalidade de ginástica é possibilitar a sua compreensão enquanto patrimônio cultural, a fim de que as crianças tenham condições de reconhecer, entender e respeitar os elementos que compõem essa prática corporal.

Nesse sentido, a Educação Física, ao tratar de construções sociais que são expressas corporalmente, é responsável pela tematização dos diferentes conteúdos da cultura corporal, dentre eles a ginástica. Autores como Ayoub (1998), Marcassa (2004) e Silva (2005), destacam o potencial educativo dos movimentos gímnicos, dada à multiplicidade de elementos e manifestações que esta prática comporta e o seu potencial para estimular e desafiar a criança no ambiente educacional, inclusive, na Educação Infantil.

Ao relatar uma vivência com as atividades gímnicas na Educação Infantil, Goulart (2011) defende que um trabalho a partir da ginástica, em suas diferentes manifestações, fora dos padrões competitivos e das exigências de alto rendimento, apresenta-se como uma possibilidade para a criança brincar com o seu corpo e experimentar movimentos desafiadores, além de participar da recriação dessa prática corporal, atribuindo-lhes sentidos e significados de acordo com o contexto social em que está inserida.

De modo complementar, Martineli, Fugi e Mileski (2009) afirmam a importância do brincar para o ensino da ginástica na Educação Infantil, bem como o papel do professor enquanto mediador desse processo, criando as condições capazes de possibilitar a apropriação pela criança dos elementos gímnicos enquanto produção humana e, portanto, parte da cultura corporal. Ademais, argumentam sobre a importância da situação imaginária para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, criada com a proposição do brinquedo e da brincadeira gímnic.

Frente ao acima exposto, o objetivo desse relato é descrever uma experiência que buscou tematizar a ginástica nas aulas de Educação Física Infantil, à luz dos pressupostos da teoria histórico-cultural. O trabalho pedagógico foi desenvolvido com um grupo de crianças entre quatro e cinco anosⁱⁱ, em uma instituição de Educação Infantil pertencente à rede pública municipal de Florianópolis/SC. Com base no referencial adotado, utilizou-se a brincadeira como elemento mediador dos processos de ensino e aprendizagem da ginástica na Educação Infantil, propondo situações como a imitação, a vivência de personagens e o jogo de imaginação, que caracterizam a brincadeira da criança pré-escolar.

Considerações sobre a brincadeira na teoria histórico-cultural

Para a teoria histórico-cultural a gênese do psiquismo humano é social e cultural, ocorrendo essencialmente por meio das interações e relações sociais estabelecidas entre os sujeitos e com o mundo em que vivem (GAUTHIER; TARDIF, 2014). A interação social desempenha papel central no desenvolvimento da criança que, enquanto um ser social e de cultura, compartilha experiências sociais, dentro e fora do ambiente familiar, necessárias para que ela se aproprie das regras e dos comportamentos que compõem a sociedade em que está inserida, ao mesmo tempo em que as modifica (VICENTINI; BARROS, 2017; 2018; IZA; MELO, 2009).

A inserção da ginástica na educação física infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

O mundo, mediado pelas relações sociais, não é responsável apenas por influenciar o desenvolvimento do homem, mas, sobretudo, por criar as condições para o seu desenvolvimento. O desenvolvimento cultural do homem, portanto, ocorre através da transmissão da experiência social entre os indivíduos. Logo, a relação entre o homem e o mundo social, mediada pelos outros homens e pelas experiências das gerações anteriores, é fundamentalmente um processo educativo (NASCIMENTO; DANTAS, 2009).

Nesse contexto, a escola se configura como um espaço privilegiado de socialização do saber sistematizado cabendo a ela, por meio do ensino, antecipar e criar as condições para o desenvolvimento da criança. No caso da Educação Infantil, foco deste estudo, esta se constitui no lugar em que a criança irá estabelecer as suas primeiras relações sociais e culturais, fora do seio familiar. De acordo com Silva (2005), ao ingressar na Educação Infantil, a criança, através da intervenção do adulto-professor, adentra num processo de adaptação ao novo ambiente, no qual ela lança mão de um mecanismo que lhe é peculiar, qual seja a brincadeira.

Ao descrever o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil, Vygotski (2007; 2008) afirma que a esta se caracteriza como a atividade principal da criança pré-escolar, representando uma forma específica de ela interagir com o mundo e apropriar-se da realidade. Afirma, também, que as necessidades, os impulsos e os motivos da criança são componentes fundamentais para o aparecimento da brincadeira na infância, os quais irão influenciar as ações da criança nas diferentes fases da sua existência.

Por outro lado, Vigotski (2008) esclarece que a brincadeira enquanto atividade principal não é sinônimo de atividade predominante da criança, haja vista que ela não tem relação com o tempo de permanência na atividade, mas sim, pelo fato de que a atividade principal é condutora do processo de desenvolvimento na pré-escola, levando à produção de novas formas de comportamento. Logo, é por meio da atividade principal que ocorre o desenvolvimento cultural da criança.

Na brincadeira de faz de conta, a criança pré-escolar opera com conceitos e generalizações que estão além de suas capacidades devido à fase do desenvolvimento em que se encontra, usando a imaginação para resolver esse dilema. Por exemplo, quando a criança brinca de “montar a cavalo” em um cabo de vassouras, ela tem o desejo de “montar um cavalo”, mas não dispõe de condições pessoais e materiais

suficientes para fazê-lo, transferindo simbolicamente para o objeto “cabo de vassoura” as características de um cavalo. Percebemos, nesse exemplo, que a situação imaginária encontra-se atrelada a atitudes e regras sociais, de modo que a criança ao “montar um cavalo”, utilizando um cabo de vassouras, age de acordo com o papel social desempenhado por um adulto que monta a cavalo. Ou seja, por meio do faz de conta, a criança vivencia diversos papéis sociais ao mesmo tempo em que se apropria de atitudes, valores e normas consolidadas na sociedade, utilizando-se, muitas vezes, de objetos e atribuindo-lhes significados diferentes do seu uso social para representar suas ideias na brincadeira (SAMPAIO et al, 2017; IZA; MELO, 2009; SILVA, 2005).

Esse comportamento evidencia a capacidade da criança pré-escolar de desprender o significado do objeto em si, ressignificando-o (um cabo de vassoura poderá se transformar em um cavalo). Ademais, Fabiani, Scaglia e Almeida (2016) explicitam que conforme a criança avança no seu desenvolvimento, ela abre mão dos objetos, de tal modo que pode representar por meio de movimentos com o próprio corpo, determinados conceitos, gestos, ações e papéis sociais, sem a necessidade de operar com a realidade material.

Com efeito, Vigotski (2008) afirma que a imaginação tem papel fundamental no desenvolvimento infantil, pois a partir da experimentação dessa função, a criança desfruta de uma liberdade jamais vivenciada, podendo ir além de suas habilidades reais, explorando potencialidades e desempenhando gestos e papéis, que na situação real ainda não lhe são permitidos. A situação imaginária representa a primeira forma de emancipação da criança em relação às restrições do ambiente, permitindo que ela realize seus desejos como quiser. Contudo, na brincadeira, a criança é ilusoriamente livre, uma vez que está subordinada aos significados socialmente construídos e às regras implícitas na situação imaginária, haja vista que não existe brincadeira sem regras.

Nesse processo, Vicentini e Barros (2017) destacam que a criança não atua de maneira passiva, pois durante a sua interação na brincadeira ela não apenas recebe cultura, mas também cria e modifica a realidade, atribuindo-lhes sentidos próprios, que estão correlacionados ao contexto histórico e social do qual é parte integrante. Dito isso, podemos afirmar o caráter pedagógico da brincadeira, uma vez que esta impulsiona o desenvolvimento de habilidades potenciais da criança, pois ao vivenciar situações

imaginárias ela é desafiada a operar com conceitos e práticas que se encontram acima de suas possibilidades de realização no mundo real.

A brincadeira é, portanto, uma situação que potencializa a constituição da Zona de Desenvolvimento Proximal, compreendida como a distância entre o que a criança é capaz de fazer sozinha, por meio de habilidades já consolidadas, e o que ela é capaz de realizar com a colaboração de pessoas mais experientes, por meio de habilidades em desenvolvimento e/ou em vias de consolidação (VYGOTSKI, 2007).

Transpondo esse princípio para o contexto educacional, o professor exerce papel fundamental na mediação entre os conhecimentos que a criança já traz consigo e aqueles que ela ainda não domina, gerando um desenvolvimento que no momento inicial acontece na Zona de Desenvolvimento Proximal, e que se tornará o conhecimento real da criança, quando a aprendizagem efetiva se concretizar (IZA; MELLO, 2009; MARTINELLI; FUGI; MILESKI, 2009).

Frente ao exposto, Nascimento e Dantas (2009) afirmam que o trabalho pedagógico da Educação Física direcionado à Educação Infantil, implica na organização de uma realidade relacionada à cultura corporal, permitindo que a criança se aproprie das práticas corporais, revivendo de forma singular as experiências corporais (materiais e/ou simbólicas), historicamente produzidas.

Nessa perspectiva, a teoria histórico-cultural permite relacionar a brincadeira ao processo de ensino e aprendizagem da ginástica, concebida como uma prática corporal socialmente construída, vinculada às demandas sociais, políticas e econômicas de cada momento histórico. Logo, ao professor cabe criar as experiências e selecionar os conhecimentos da cultura corporal que serão ensinados para as crianças, bem como a forma de organizar tais conhecimentos tendo a brincadeira como eixo estruturante das propostas pedagógicas, particularmente na Educação Infantil.

Situando o contexto e os atores da experiência

Este relato é um registro da experiência docente desenvolvida no contexto do Estágio Curricular Supervisionado Iⁱⁱⁱ, em um Núcleo de Educação Infantil (NEI) pertencente à rede municipal de ensino de Florianópolis/SC, que atende crianças de 02 a 06 anos de idade. A instituição atende oito grupos, sendo quatro no período matutino e quatro no período vespertino. A experiência foi desenvolvida com um grupo de 25

crianças com idades entre quatro e cinco anos, durante o período vespertino, em dois momentos semanais de aproximadamente 1 hora e 15 minutos cada, previamente definidos pela instituição na qual o estágio foi realizado.

No total foram realizadas 10 intervenções ao longo de 05 semanas. Os conteúdos da ginástica elencados para os momentos de Educação Física foram: salto, “estrela”, rolamento (lateral e frontal), além da manipulação dos aparelhos gímnicos arco e fita. O ensino dos conteúdos envolveu estratégias como rodas de conversa, vídeos, manipulação e confecção de materiais, além da própria vivência desses conteúdos nos espaços disponibilizados pela instituição, como sala de aula, parquinho, miniquadra e espaço multiuso equipado com televisão, tapetes, almofadas, mesas, bancos e cadeiras, possibilitando várias formas de organização do espaço e emprego dos materiais. A avaliação foi feita por meio de fotografias, registros semanais de episódios marcantes ocorridos nas aulas, os quais representaram um subsídio importante para a elaboração do presente relato. Além disso, o relato a seguir encontra-se embasado em documentos produzidos na disciplina de estágio, tais como plano de trabalho, planos de aula e relatório final, os quais permitiram avaliar o processo pedagógico fazendo os ajustes necessários, bem como resgatar os detalhes e momentos importantes na vivência da ginástica na Educação Infantil. Essas informações estão sistematizadas no quadro 1.

Quadro 1: Conteúdos, objetivos, procedimentos metodológicos e avaliativos.

Elementos do planejamento	Descrição
Conteúdos da Ginástica (fundamentos básicos)	Apresentação da proposta e sondagem (1 aula); salto (1 aula); rolamento lateral (1 aula); rolamento frontal (1 aula); estrela (1 aula); arco (1 aula); fita (2 aulas); festival de ginástica (2 aulas).
Objetivos	Conceituais: - conhecer e identificar diferentes tipos de ginástica, equipamentos e locais de prática; Procedimentais: - vivenciar os elementos da ginástica de maneira adaptada (saltos, rolamentos, deslocamentos, etc.); - experimentar situações de equilíbrio estático e dinâmico presentes nos elementos da ginástica; - confeccionar e manipular materiais utilizados na ginástica (arco e fita); Atitudinais: - manifestar interesse por essa prática corporal.
Procedimentos didático-metodológicos	- Rodas de conversa: resgate dos conhecimentos prévios das crianças sobre a temática; utilização de imagens e vídeos. - Confecção e manipulação de brinquedos de sucata. - Vivências dos fundamentos da ginástica: circuito motor, aula historiada, brincadeira de faz de conta, imitação de personagens, dentre outros.
Recursos materiais e espaço físico	- Bolas de plástico, arco, cordas, colchonetes, tapetes, almofadas, cilindro, triângulo e cubos de espuma, tecidos, fitas e materiais recicláveis.
	- Rodas de conversa

A inserção da ginástica na educação física infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

Avaliação	- Observação - Registro fotográfico e filmagens - Relatos semanais.
-----------	---

Fonte: elaboração própria.

Considerando a proposta acima delineada, os encontros com as crianças obedeciam à seguinte dinâmica: num primeiro momento ocorria a apresentação do conteúdo que seria abordado no dia; feito isso, as atividades planejadas tendo como tema os fundamentos da ginástica eram desenvolvidos nos diferentes espaços da instituição; e, por fim era realizada com as crianças, uma conversa final referente ao encontro (o que viram de novo, o que sentiram, como foi a experiência, entre outros elementos).

A vivência da ginástica na Educação Física Infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

Ao observar o cotidiano da Educação Infantil e as diversas experiências das crianças em relação às práticas corporais, percebemos que os movimentos da ginástica, tais como correr, saltar, girar e equilibrar-se, estão presentes nas brincadeiras realizadas pelas crianças, fazendo parte do universo lúdico infantil. Contudo, nos primeiros contatos com as crianças, percebemos que a vivência da ginástica seria um desafio, visto que elas demonstravam pouco interesse pela técnica dos movimentos, dispersando-se com facilidade. Frente a isso, nos questionamos sobre quais situações seriam capazes de despertar o desejo e o envolvimento das crianças em relação à vivência da ginástica na Educação Física Infantil.

Com base nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, em particular a compreensão sobre o papel que a brincadeira exerce no desenvolvimento e aprendizagem da criança, percebemos que para abordar as atividades gímnicas na Educação Infantil, era preciso assumir os momentos de Educação Física como um espaço privilegiado para a brincadeira acontecer, respeitando, assim, as características das crianças e o modo como elas aprendem, bem como a organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil (FLORIANÓPOLIS, 2016).

Metodologicamente, isso implicou no emprego de estratégias como a utilização de vídeos e imagens de adultos e crianças praticando diferentes tipos de ginástica, com o intuito de despertar nas crianças o interesse pelas atividades gímnicas. Também foram organizados ambientes com objetos diversificados, para que as crianças pudessem

vivenciar os elementos da ginástica, explorando diversas possibilidades corporais. A vivência da ginástica, mediada pela brincadeira, surgiu como elemento fundamental para estimular a imaginação e a criatividade das crianças, por meio da imitação de personagens, da criação de situações imaginárias e das regras sociais que constituem as brincadeiras desenvolvidas.

Assim sendo, em nossas intervenções não tivemos preocupação com a perfeita execução dos movimentos, mas sim que as crianças pudessem experimentar e variar ações básicas como saltar, rolar, girar e equilibrar-se, até as mais complexas como reversão e manipulação de objetos. Para a apresentação de um novo movimento, sempre partíamos de algumas indagações a fim de valorizar o conhecimento que as crianças já trazem consigo ou daquilo que descobriam e/ou conseguiam realizar a partir das brincadeiras propostas, a exemplo do relato elaborado por Goulart (2011) sobre uma experiência pedagógica com ginástica na Educação Infantil.

Partindo desses princípios, na primeira intervenção, apresentamos a proposta de trabalhar com a ginástica nas aulas de Educação Física. Para tanto, com as crianças em roda, lançamos a seguinte pergunta: “Alguém sabe o que é Ginástica?”. Inicialmente as crianças não souberam dizer que atividade recebia o nome de ginástica. Nesse momento, mostramos algumas imagens previamente selecionadas sobre essa prática em diferentes contextos (praças, parques, escolas, competições de ginástica, academias, etc.) e com diferentes públicos (crianças, adultos, idosos e atletas). Nesse momento algumas crianças diziam já ter visto atletas de ginástica na televisão, que seus pais faziam ginástica (na academia ou parques). Chamou a atenção das crianças, a vestimenta utilizada em cada tipo de ginástica e os equipamentos utilizados. Essa estratégia foi importante para identificar os saberes das crianças sobre essa prática corporal, despertando a imaginação e o desejo das crianças em realizar alguns de seus fundamentos. Percebemos que apesar da dificuldade inicial em nomear a ginástica, as crianças conseguiram identificar e relacionar alguns dos seus fundamentos com os movimentos que realizam em suas brincadeiras dentro e fora do ambiente educativo. Na sequência, a professora explicou a importância do alongamento e como ele é utilizado na ginástica propondo um alongamento historiado em que as crianças realizam os movimentos na medida em que eles apareciam na história contada pela professora. Ao dizer, por exemplo, “a borboleta bateu as asas”, as crianças sentadas e com as plantas

A inserção da ginástica na educação física infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

dos pés unidos, balançavam as pernas, imitando o bater asas da borboleta e assim por diante. Ao final da brincadeira as crianças desenharam aquilo que aprenderam e que mais gostaram na aula.

Na segunda intervenção foi realizada uma atividade com saltos em que sugerimos uma situação imaginária em que as crianças eram estimuladas a experimentar diferentes formas de saltar. Por meio de uma *viagem ao espaço* a bordo de uma *nave* construída com pneus, as crianças foram desafiadas a saltar de diferentes maneiras: saltar com os dois pés, saltar com um pé só, saltar imitando um sapo, e assim por diante. Além da realização dos saltos, fazíamos questionamentos no sentido de estimular a participação das crianças na construção da brincadeira: que planeta podemos visitar agora? Quem mora nele? Como ele é? Como podemos saltar? No decorrer da brincadeira, novos planetas foram *desbravados* pelas crianças e, com eles, novas formas de saltar foram sendo propostas: saltar em zigue-zague, para traz, de mãos dadas, galopando, girando, etc.

Durante a atividade a professora contextualizou os tipos de saltos da ginástica enquanto modalidade esportiva, como salto carpado, grupado, tesoura e vertical, que foram vivenciados de forma adaptada ao longo da aula. Para o salto vertical, por exemplo, sugerimos que as crianças pulassem tentando alcançar as nuvens no céu, estendendo bem o corpo. Para o salto tesoura, realizamos a brincadeira da “cobrinha” que consistia em balançar uma corda para que as crianças saltassem sem tocar para não serem “picadas” pela “cobra”. A experimentação dos saltos carpado e grupado também foi realizada de forma adaptada, a partir da proposição de uma situação imaginária. Em ambos os casos, foram estabelecidas relações com a forma de saltar dos animais (ex. canguru para o salto carpado e sapo para o salto grupado). Essa vivência permitiu que as crianças expressassem seus conhecimentos prévios sobre o salto, fazendo as primeiras relações deste enquanto fundamento básico da ginástica. Na roda de conversa foram retomados os principais aspectos da aula e as crianças relacionaram os saltos vivenciados nas brincadeiras com aqueles feitos, por exemplo, em competições de ginástica.

Vygotski (2007) nos fala da importância da mediação na intervenção do professor visando que a criança se aproprie dos bens culturais, internalizando os gestos e significados construídos socialmente. Nesse sentido, entendemos que a mediação

realizada pela professora-estagiária favoreceu o surgimento de uma situação de trocas e interações em que as crianças puderam contribuir com a construção da aula, utilizando-se da imaginação e da criatividade, funções psicológicas essenciais para que a brincadeira de faz de conta aconteça.

Sobre isso, Barcelos, Santos e Neto (2017) argumentam que a organização de práticas a partir do que as crianças já conhecem é uma forma de conferir visibilidade às suas produções no cotidiano escolar, ao mesmo tempo em que contempla os conhecimentos historicamente produzidos que configuram as práticas corporais como patrimônio cultural imaterial. Esse processo revela o papel social da escola na ampliação do universo cultural da criança por meio das diferentes linguagens, conferindo-lhe condição de sujeito histórico e produtora de cultura, valorizando os seus saberes, ao mesmo tempo em que ela se apropria de novos conceitos.

Seguindo a lógica da vivência com os saltos, no trabalho com os rolamentos, estruturamos o ambiente utilizando tapetes, colchonetes, bancos, blocos de espuma, dentre outros materiais, de modo que oferecesse diferentes possibilidades e facilitasse a execução dos movimentos pelas crianças. A estratégia pedagógica consistiu na criação e no contar de uma história com a criação de uma situação imaginária em que as crianças foram convidadas a assumirem um personagem, realizando ações vinculadas ao mesmo. Na aula em que foi abordado o rolamento lateral organizamos uma situação em que a estagiária-professora era a mamãe “tatu bola” e as crianças os seus “filhotes” que estavam aprendendo a rolar. Na medida em que narrava a história, a estagiária-professora lançava questionamentos como: de que maneira o tatu bola se movimentava? Quem consegue rolar como um tatu bola? Quem consegue virar uma bolinha encolhendo bem o corpo?” Nessa brincadeira de “faz de conta”, os “tatu bolinhas” realizaram o movimento de rolamento lateral a partir de diversas situações organizadas segundo o roteiro criado para a história (rolar impulsionado por um tapete, rolar no plano inclinado, etc.). A participação das crianças na situação proposta foi intensa em que a situação de “faz de conta” permitiu realizar o movimento baseados em suas experiências prévias, havendo uma transferência de significados da ação do tatu bola para a execução dos rolamentos. Ao final, todos deveriam passar por um túnel de tecido e voltariam a sua forma original, saindo da situação imaginária. Ao final, cada criança recebeu uma foto do tatu bola para levar para casa.

A inserção da ginástica na educação física infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

Na aula seguinte, para o rolamento frontal, foi proposto um circuito motor e o tema escolhido para contextualizar a proposta foi “escola de heróis”. Nessa brincadeira de “faz de conta”, cada estação do circuito motor representava um desafio a ser vencido pelas crianças para se tornarem heróis. Foram organizadas, portanto, diferentes situações com bancos, tapetes, almofadas e colchonetes para a vivência desse fundamento como, por exemplo, arrastar-se por um banco e ao chegar a uma de suas extremidades deveria rolar, caindo na pilha de colchonetes, rolar no plano inclinado com e sem o auxílio da professora, rolar por baixo e por cima de uma corda, rolar deslizando sobre uma bola, etc. Após passarem por vários os “desafios” e completarem o “treinamento”, cada criança recebeu uma capa confeccionada com TNT pela estagiária-professora, indicando que agora todos haviam se formado “heróis”. Na roda de conversa, foram feitas várias associações entre o conteúdo da aula e os movimentos que os “heróis” realizam. Também foram discutidos outros contextos em que esse fundamento está presente, como em competições de ginástica, nos movimentos dos animais e nas próprias brincadeiras das crianças. Verificou-se que a contextualização do rolamento da ginástica com os movimentos dos super-heróis pode auxiliar na compreensão pelas crianças de que embora se trate de um fundamento de uma modalidade esportiva, o rolar também está presente em situações do cotidiano, inclusive nas aulas de Educação Física, assumindo para além da competição, uma dimensão lúdica.

As vivências acima demonstram a importância da brincadeira de faz de conta na mediação do processo de aprendizagem do rolamento pelas crianças, de modo a ampliar a cultura corporal infantil. Nesse sentido, Fabiani, Scaglia e Almeida (2016) afirmam que o professor tem um papel fundamental na organização dos processos de aprendizagem, cabendo a ele fazer a mediação entre os saberes das crianças e as práticas corporais, por meio da organização de espaços e materiais, e da criação de situações imaginárias, com a vivência de diferentes papéis pelas crianças, a fim de que se apropriem da prática corporal selecionada, de modo mais significativo.

Nessa perspectiva, observamos que as situações envolvendo a vivência do rolamento, favoreceram diversas experiências corporais para as crianças em que elas puderam experimentar e aventurar-se na realização dos movimentos. Conforme as crianças iam se apropriando do rolamento e sentindo-se mais confiantes para realizá-lo,

novas situações eram propostas com o intuito de estimular a descoberta e a experimentação de outras formas de rolar (no plano inclinado, horizontalmente, lateralmente, para trás, observando a posição das mãos, etc.).

Corroboramos com a ideia de Guirra (2009), que afirma que o trabalho corporal na Educação Infantil deve contemplar a liberdade, a alegria, a fuga à repetição de movimentos e gestos padronizados, tornando-se necessária a mediação dos processos de ensino e aprendizagem pelo professor, com a criação de oportunidades que levem a criança a apropriar-se das experiências sociais referentes à cultura corporal, além de refletir e buscar soluções para os desafios presentes seu cotidiano. Esse processo é necessário para que a Zona de Desenvolvimento Proximal, tal como concebida por Vigotski, se constitua.

Podemos afirmar, assim, que as diversas situações apresentadas para a vivência do rolamento (frontal e lateral) desafiaram corporalmente as crianças, contribuindo para que elas identificassem suas habilidades e possibilidades de movimentos do próprio corpo e de seus colegas, demonstrando o caráter inclusivo dessa prática corporal que não apresenta regras fixas e respeita o tempo de cada um, pois representa um desafio entre a criança e seu próprio corpo (PIZANI; BARBOSA-RINALDI, 2010).

No que diz respeito às diferenças entre as experiências anteriores das crianças em relação à cultura corporal, incluindo aí a ginástica, concebemos a necessidade de criar estratégias que permitissem acolher essas diferenças sem a preocupação de uniformizar ou padronizar os movimentos. Assim, para o ensino de movimentos mais complexos como a roda da ginástica, conhecida popularmente como *estrela*, organizamos uma proposta que consistiu na imitação de movimentos de animais para introduzir a técnica da execução da *estrela* que consiste num movimento rápido de reversão lateral do corpo (ex. saltar como um sapo, apoiando as mãos e impulsionado e elevando as pernas). Isso permitiu, a exemplo do relato descrito por Goulart (2011), que em uma mesma atividade, crianças com habilidades diferenciadas pudessem brincar e compartilhar do mesmo movimento, de modo que cada uma, de acordo com o seu tempo, pôde experimentar e aprofundar o movimento proposto.

Assim, enquanto algumas crianças demonstravam maior controle corporal realizando com certa facilidade a *estrela*, outras tinham dificuldade para compreender o movimento e posicionar o corpo. Para dar conta dessa diversidade de manifestações

A inserção da ginástica na educação física infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

corporais, além da demonstração do movimento, a estagiária-professora introduziu, ainda dentro da temática dos animais, situações com o propósito de auxiliar na compreensão e execução da técnica da *estrela* pelas crianças. Para isso, utilizou um colchonete que serviu para o apoio das mãos, por parte da criança para, posteriormente, saltar sobre ele, deslocando uma perna de cada vez, executando um movimento de *tesoura*. Ao observar que as crianças tinham dificuldade na realização do movimento com as pernas, elevando-as simultaneamente, utilizamos uma corda e conforme a criança ia se apropriando do movimento esta era inclinada (até formar uma diagonal) para estimular a criança a elevar os pés e transpor uma perna de cada vez, aproximando-se do movimento básico da *estrela*.

Muito embora as atividades gímnicas desenvolvidas no contexto da Educação Infantil não focalizem a perfeição na execução dos movimentos ou o rendimento, concordamos com a visão de Goulart (2011), ao afirmar que as técnicas dos exercícios ginásticos devem ser utilizadas como um meio para que as crianças consigam realizar os movimentos, além de oferecer a oportunidade de experimentação do movimento pela criança, que precisa do domínio técnico para executá-lo com autonomia e segurança.

Nascimento e Dantas (2009) contribuem com essa discussão ao mencionarem que a apropriação das experiências sociais contidas nas atividades relacionadas à cultura corporal passa pelo aprendizado do gesto motor pela criança, sendo importante que ela não apenas execute, mas se aproprie dos significados presentes em determinadas práticas corporais e as possibilidades que estas trazem de ampliar o seu repertório motor. Por exemplo, na medida em que a criança automatiza o ato de correr, ela adquire maior liberdade e amplia suas possibilidades de operar com ele de maneira mais criativa, como em uma brincadeira de pega-pega. Essa relação nos parece legítima também para os elementos gímnicos.

Logo, a experimentação do salto, do rolamento e da *estrela* parece ter contribuído para a aprendizagem do movimento e para a compreensão pelas crianças acerca destes elementos enquanto parte do acervo gímico produzido pela humanidade. Ademais, permitiu às crianças estabelecerem relações desses elementos não só com aqueles realizados em apresentações e competições de ginástica, mas também em diversos espaços, por crianças e adultos e com diferentes finalidades.

Ao longo das intervenções, vimos que as crianças apresentam uma necessidade instintiva de se movimentar e o fazem de diversas formas: correm, saltam, gritam, giram, sobem, descem e possuem uma enorme capacidade de imaginar situações e vivê-las como se fossem uma realidade (GUIRRA, 2009). Quando observamos as crianças brincando, percebemos que além do próprio corpo, elas utilizam objetos que no contexto da brincadeira podem receber significados diferentes daqueles que lhes são atribuídos originalmente. Assim, um graveto pode virar uma espada, um cone se transforma em um chapéu e uma caixa de papelão se torna um carro ou até um barco.

Quando pensamos esse aspecto do desenvolvimento infantil em relação ao ensino da ginástica, vimos que as crianças usam aparelhos manuais para brincar tais como a bola, o arco e a corda que além de fazerem parte das atividades de lazer, também são materiais empregados na ginástica rítmica (PIZANI; BARBOSA-RINALDI, 2010). De acordo com o referencial adotado, esses aparelhos são concebidos como artefatos culturais, produzidos historicamente e socialmente, sendo papel da escola e da Educação Física, disponibilizá-los às crianças, de modo que elas se apropriem de significados já apreendidos socialmente, além de atribuir novos.

Especificamente em nossas aulas exploramos junto às crianças o arco e a fita. A manipulação do arco pelas crianças se deu, num primeiro momento, de maneira livre, e elas puderam manusear o objeto de diversas formas, fazendo movimentos já conhecidos, além de proporem variações, tais como: bambolear na cintura, no braço, no pescoço, no pé, fazer trenzinho, carrinho, dentre outros. Num segundo momento, as crianças foram questionadas sobre outros movimentos possíveis de serem realizados com o arco e a professora-estagiária introduziu movimentos complementares a fim de ampliar o repertório das crianças como passar o corpo pelo arco, soltar de uma das mãos e pegar com a outra, em duplas passar o arco para o colega, girar e equilibrar o arco no chão, etc. Depois da exploração do material foi proposta uma situação em que todos puderam demonstrar para os colegas os movimentos que haviam criado, enfatizando o sentido artístico presente na ginástica. Na roda de conversa as crianças expressaram enorme satisfação com essa aula, demonstrando o prazer de manipular o arco, bem como de conhecer novas formas de fazê-lo.

Para Vygotski (2007) as crianças aprendem por meio da imitação, mas não apenas por meio dela, elas criam a partir de situações que lhes são propostas, transformando a si

A inserção da ginástica na educação física infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

mesmas e o meio em que estão inseridas. Nessas condições, entendemos que a mediação do professor durante a ação pedagógica é de grande importância, pois permite que a criança reveja seus conhecimentos iniciais, possibilitando que ela conheça elementos novos e variados da cultura gímnica. Assim, é importante que o professor proporcione meios para que a criança recrie, descubra o novo, transformando o que já conhece, aproximando-se do desconhecido, de modo a ampliar o universo de conhecimento da criança acerca da ginástica enquanto elemento da cultura (PIZANI; BARBOSA-RINALDI, 2010).

Segundo Pizani e Barbosa-Rinaldi (2010) e Ayoub (1998), o ensino da ginástica na escola pode compreender além de materiais convencionais o emprego de materiais pedagógicos alternativos como corda, jornal, bastão, garrafa plástica, bola de meia, arco, fita, etc., como um importante estímulo para a criação de novas possibilidades de expressão gímnica. Desse modo, destinamos duas aulas para a confecção e a vivência do aparelho fita, utilizado na ginástica rítmica. Além da confecção e experimentação da fita, a tematização da ginástica nas aulas de Educação Física Infantil permitiu a problematização desta prática corporal junto às crianças, por meio de vídeos em que crianças, mulheres e homens realizavam apresentações de ginástica com aparelhos, objetivando desconstruir a visão de que determinadas modalidades, apesar de serem essencialmente femininas, só podem ser praticadas por mulheres. Ademais, permitiu questionar a precisão dos movimentos observados nos vídeos, próprios das competições de ginástica relacionando com a sua prática na Educação Infantil que é realizada com outros fins e propósitos.

Sobre isso, Neira (2014) ressalta a importância da tematização dos elementos da cultura corporal, a exemplo da ginástica, já na Educação Infantil, uma vez que esta prática não é neutra e se apresenta em diversos contextos, marcada por determinantes sociais, constituindo-se como espaço de luta por validação de significados. Por essa via, foi possível expressar e compartilhar saberes sobre a ginástica, ampliando a sua compreensão e permitindo a atribuição de sentidos sobre este elemento da cultura corporal, bem como a recriação e ressignificação das atividades gímnicas pelas crianças.

Pizani e Barbosa-Rinaldi (2010) ainda destacam que a adaptação de materiais tradicionais aguça a criatividade, desafiando novas experiências, sendo que a utilização

de materiais não tradicionais beneficia o desenvolvimento da ginástica na escola, tornando algo mais acessível de trabalhar. Assim, para a confecção do aparelho, foram distribuídas fitas de tecido de diferentes tamanhos e cores entre as crianças que prontamente começaram a realizar movimentos com a fita, balançando para cima e para baixo, girando o braço, saltitando ou correndo. Também foram disponibilizadas canetas coloridas para que as crianças pudessem customizar a sua fita. Depois dessa etapa, a professora-estagiária auxiliou na montagem do implemento prendendo as fitas em um palito de madeira. Cada criança ao terminar a sua fita já saía fazendo movimentos. Depois de um tempo livre para experimentação do material as crianças foram estimuladas a pensar em outras formas de explorar a fita e de criarem movimentos a partir desse aparelho. Devido ao tempo destinado para a confecção da fita, foi necessária outra aula para sua exploração. Assim, na aula seguinte, a estagiária-professora, retomou o aparelho fita lembrando os movimentos que haviam sido realizados pelas crianças de forma espontânea. Então ela explicou as características da fita utilizada por ginastas (material, comprimento da fita, cores, etc.), e levou vídeos de competições de ginástica artística que utilizavam o aparelho fita. A partir dessa estratégia, foi realizada nova vivência da fita, agora tentando ampliar o rol de movimentos possíveis com a fita. Para tanto, foram lançados questionamentos para as crianças sobre quais movimentos poderiam fazer com o aparelho. Entre os movimentos sugeridos pelas crianças estavam: movimentos circulares com o braço estendido para frente, movimentar a fita como se fosse uma serpente no chão, movimentos circulares acima da cabeça com a fita passando em volta do corpo, semelhantes aos que viram nos vídeos sobre ginástica artística.

Aspecto semelhante foi observado por Martineli, Fugi e Mileski (2009) em uma experiência de ginástica com crianças. As autoras chamam atenção do porquê de, mesmo sem o comando de um professor, ao terem contato com bolas, arcos, cordas ou outros materiais, as crianças os manuseiam. Para as autoras, esses objetos e aparelhos, têm significados históricos e carregam consigo conhecimento acumulado por terem sido produzidos pelo homem e fazerem parte da cultura.

Segundo as autoras, as crianças sentem interesse e prazer em apoderar-se das ações motoras e dos conhecimentos contidos nos aparelhos, principalmente aqueles advindos historicamente que se tornaram brinquedos de gerações passadas e se

A inserção da ginástica na educação física infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

tornarão de gerações futuras. Portanto, bambolear o arco, quicar ou lançar a bola são atividades incorporadas nesses objetos, são ações associadas a eles e ao se apossar dessas ações formam-se novas capacidades, funções motoras superiores que humanizam e enriquecem a cultura corporal do homem em geral e da criança em particular.

Outro momento significativo dessa experiência foi a socialização dos movimentos ginásticos aprendidos nas aulas de Educação Física por meio de um festival de ginástica. Esse momento envolveu uma pequena caracterização das crianças com acessórios e maquiagem utilizando tinta de rosto, providenciada pela estagiária-professora, enquanto os movimentos a serem realizados foram escolhidos pelas próprias crianças, sem que isso implicasse na rigidez de movimentos, pois esses eram experimentados, criados e recriados pelas crianças. A definição e o “ensaio” do que seria apresentado, bem como o festival propriamente dito ocorreu no horário da aula, no *hall* da instituição que se caracteriza como uma área de convivência, com a socialização dos principais movimentos ginásticos como rolamentos, giros, saltos, estrelinha, ponte, além de pequenas coreografias com ou sem manuseio de arcos e fitas. A estagiária-professora foi a apresentadora, enquanto a professora de Educação Física da instituição e as demais professoras de sala (regente e auxiliar) ajudaram na organização das crianças durante as apresentações. Esse foi um momento de culminância do trabalho desenvolvido que gerou enorme satisfação para as crianças e também para os professores envolvidos.

Percebemos, por meio dessa vivência com a ginástica que as crianças demonstram o desejo de se manifestar através da linguagem corporal e que a brincadeira intensifica o desenvolvimento infantil, e por isso da sua valorização no ensino dos elementos da cultura corporal. Além disso, o trabalho com a ginástica na Educação Infantil permitiu constatá-la como um elemento da cultura, passível de ser criado e recriado pelas crianças em suas brincadeiras, ampliando a sua compreensão acerca dessa prática corporal.

Considerações finais

Nesse relato apresentamos uma experiência com a ginástica nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, que possibilitou adquirir e ampliar nossos saberes acerca do trato pedagógico do conteúdo da ginástica com crianças pequenas, tendo a

brincadeira como elemento mediador do processo de ensino, vivência e aprendizagem dos fundamentos da ginástica abordados ao longo das intervenções.

Essa experiência nos permite inferir a importância de se abordar o conteúdo da ginástica de forma contextualizada, por meio de uma situação imaginária criada previamente pelo professor, com personagens e ações a serem realizadas pelas crianças e que as desafiem corporalmente. Com o “faz de conta” constatamos que as crianças “mergulharam” na brincadeira, permitindo a elas sistematizar e construir novos conhecimentos acerca desta prática corporal, bem como expressar e atribuir novos significados a movimentos já conhecidos, recriando-os.

Vale ressaltar o desafio de planejar atividades adequadas para a faixa etária, buscando estruturar a prática pedagógica a partir daquilo que a criança já sabe e do que ainda precisa aprender. Nesse sentido, a observação e o *feedback* oferecido pelas crianças nas rodas de conversa, além do retorno da professora de Educação Física da instituição e da professora orientadora, contribuíram para o aprimoramento das aulas e reflexões para a futura atuação profissional.

Dentre as principais dificuldades citamos os cuidados com a segurança e o apoio individualizado nas intervenções, uma vez que os movimentos da ginástica, mesmo que aparentemente simples, podem ser mostrar complexos para crianças. Fez-se necessário, portanto, organizar os espaços sempre preparando o ambiente com tapetes, colchonetes e almofadas a fim de evitar acidentes. O atendimento individualizado fez-se necessário, tanto por questões de segurança quanto pedagógicas, permitindo o ensino da técnica do movimento. Acreditamos que o uso de estratégias como circuitos, aulas historizadas e a brincadeira de “faz de conta” foram essenciais para uma boa gestão da aula e para uma participação ativa das crianças nas situações planejadas. Ademais, o apoio de outros profissionais da instituição foi significativo para o alcance dos objetivos propostos.

Inicialmente visto como um fator limitante, a falta de recursos e equipamentos específicos para a realização dos movimentos gímnicos não comprometeu a realização das aulas. Para tanto, o emprego de algumas estratégias contribuiu para o êxito do processo, tais como a utilização e confecção de materiais simples e a adequação dos espaços da própria instituição, demonstrando que é possível desenvolver este conteúdo com os recursos disponíveis e/ou realizando pequenas adaptações.

A inserção da ginástica na educação física infantil: aproximações com a teoria histórico-cultural

Concluímos que abordar a ginástica como conteúdo da Educação Física na Educação Infantil apresentou-se como uma experiência pertinente e desafiadora, que demonstrou a necessidade de se valorizar as culturas infantis, as quais assumem fundamental importância no planejamento das intervenções educativas, colocando-se como uma demanda para os professores que atuam nesse contexto.

Por fim, destacamos o valor desta experiência, sugerindo que, para além dos aspectos aqui abordados, outros elementos sejam explorados nas aulas de Educação Física, como parcerias com outros profissionais, visitas a ginásios e estúdios de ginástica, a fim de que as crianças tenham contato com equipamentos próprios dessa modalidade.

Referências

AYOUB, E. **A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar**. 1998. 186f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1998.

BARCELOS, M.; SANTOS, W.; FERREIRA NETO, A. Aprender na Educação Física: diálogos com as crianças e a professora. **Journal of Physical Education**. Maringá, v. 28, p. 1-16, 2017.

FABIANI, D. J. F.; SCAGLIA, A. J.; ALMEIDA, J. J. G. O jogo de faz de conta e o ensino da luta para crianças: criando ambientes de aprendizagem. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 130-142, jan./mar., 2016.

FLORIANÓPOLIS. A Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação, SME. Florianópolis, SC, 2016.

GAUTHIER, C.; TARDIF, M. **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Vozes: Petrópolis, RJ, 2014.

GOULART, M. C. Ginástica, circo e dança: um relato da Educação Física na Educação Infantil. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 30-42, jul., 2011.

GUIRRA, F. J. S. **Mediação da professora generalista no trabalho corporal na Educação Infantil**. 2009. 134f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2009.

IZA, D. F. V.; MELLO, M. A. Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil. **Educação em Revista**, Belo horizonte, v. 25, n. 2, p. 283-302, ago., 2009.

MARCASSA, L. Metodologia do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas. **Pensar a Prática**, v. 7, n. 2, p. 171-186, jul./dez., 2004.

MARTINELLI, T. A. P.; FUGI, N. C.; MILESKI, K. G. A valorização do brincar na teoria histórico-cultural: aproximações com a Educação Física. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 2, p. 251-259, jul./dez., 2009.

NASCIMENTO, C. P.; DANTAS, L. E. P. B. T. O desenvolvimento histórico-cultural da criança nas aulas de Educação Física: possibilidades de trabalho a partir da atividade principal e dos temas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 1, p. 147-161, set., 2009.

NEIRA, M. G. **Práticas corporais**: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2014. (Como eu ensino).

PIZANI, J.; BARBOSA-RINALDI, I. P. Cotidiano escolar: a presença de elementos gímnico nas brincadeiras infantil. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 115-126, 1. trim., 2010.

SAMPAIO, J. O. et al. A prática corporal como expressão da imaginação da criança na brincadeira: uma perspectiva da psicologia histórico-cultural. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1447-1458, out./dez., 2017.

SAYÃO, D.T. Educação física na pré-escola: da especialização disciplinar à possibilidade de trabalho pedagógico integrado. 169f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

SILVA, E. J. S. A Educação Física como componente curricular na Educação Infantil: elementos para uma proposta de ensino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 127-142, maio, 2005.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor).

VICENTINI, D.; BARROS, M. F. A Humanização da criança na Educação Infantil: implicações da teoria histórico-cultural. **Educação (UFSM)**, v. 42, n. 1, p. 163-176, jan./abr., 2017.

VICENTINI, D.; BARROS, M. F. O papel do professor na organização dos espaços de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil: implicações da teoria histórico-cultural. **Revista Cocar**, Belém. v. 12. n. 23, p. 195-214, jan./jun., 2018.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista de Gestão de Iniciativas Sociais (GIS)**, n. 1, p. 23-36, 2008.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Notas

ⁱ A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada de cultural corporal, a qual compreende um conjunto de práticas corporais, nomeadamente, a ginástica, as lutas, o jogo, o esporte e a

dança. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem (SOARES et. al., 1992, p. 61-2).

ⁱⁱ Na referida instituição as crianças são organizadas em grupos, conforme a faixa etária. Neste caso específico, as intervenções foram desenvolvidas com um G5, constituído por crianças entre 4 e 5 anos

ⁱⁱⁱ O referido estágio é realizado no 5º semestre do curso de Licenciatura em Educação Física do CEFID-UDESC, sempre em instituições públicas de Educação Infantil, em que os acadêmicos/estagiários são acompanhados pelo professor da disciplina (orientador), bem como pelo professor de Educação Física da instituição campo de estágio (supervisor).

Sobre os autores

Paola Soares Jeronimo

Licenciada em Educação Física pelo Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

E-mail: paolasoaresj@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/000-0003-3227-3815>

Anderson Simas Frutuoso

Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor de Educação Física – Educação Infantil da Rede Municipal de São José (SC).

E-mail: anderson.frutuoso@outlook.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1011-8913>

Viviane Preichardt Duek

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Adjunta do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Membro do Laboratório de Pesquisa em Práticas Pedagógicas da Educação Física (LAPRAPEF)

E-mail: vividuek@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0774-7495>

Recebido em: 05/05/2019

Aceito para publicação em: 24/06/2019